



Caderno CRH

ISSN: 0103-4979

revcrh@ufba.br

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Oliveira, Márcio

O "BRASIL DIFERENTE" DE WILSON MARTINS

Caderno CRH, vol. 18, núm. 44, mayo-agosto, 2005, pp. 215-221

Universidade Federal da Bahia

Salvador, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632167004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O “BRASIL DIFERENTE” DE WILSON MARTINS¹

Márcio de Oliveira

Wilson Martins nasceu em São Paulo em 1921, chegando a Curitiba em 1930. Formado em Direito em 1943, sua carreira de crítico literário iniciara-se um ano antes, em 1942, no jornal *O Dia*. Em 1946, publica pela editora José Olympio seu primeiro livro com uma seleção de sua atividade crítica, *Interpretações*.² A carreira de crítico literário se confirma em 1952, com o título de Doutor em Letras e o prêmio do Departamento de Cultura de São Paulo, que publica seu livro *A crítica literária no Brasil*. Desde então, são mais de 50 anos de crítica literária praticamente ininterrupta. A maior parte vem sendo editada sob o título de “Ponto de vista”. Atualmente com 13 volumes, compreende o período que vai de 1954 até o ano de 1997, num caso sem igual na história da crítica literária brasileira.

¹ Este trabalho insere-se no contexto da pesquisa “*A construção e a consolidação do campo científico das Ciências Sociais no Paraná*” sob minha coordenação. Foi originalmente apresentado no XII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Belo Horizonte, 31/5 a 3/6 de 2005.

² A respeito deste livro, Jorge Amado teria dito: é um mestre.

Em 1951, Martins torna-se professor catedrático de literatura na Universidade Federal do Paraná e aí permanece até 1962, quando é contratado pela Universidade de Nova York. Permanece nessa universidade lecionando até 1992, quando recebe o título de professor emérito e decide retornar a Curitiba. Em 2001, é editado pela *Topbooks* em parceria com a Imprensa Oficial do Paraná, o livro “*Mestre da Crítica: edição comemorativa dos 80 anos do crítico literário Wilson Martins*”. Nessa homenagem, desfilam escritores como Moacyr Scliar e Josué Montello, ao lado de Antonio Cândido, entre outros. Cada um dos autores, a seu modo, reconhece a importância sem par de Wilson Martins no campo da literatura brasileira. É unanimemente considerado o mais importante crítico literário brasileiro. Nos dias atuais, chega mesmo a ser considerado o último crítico literário do Brasil, sem que ele próprio se orgulhe da fórmula, porque, segundo suas palavras, “não é elogio” [...] “estão me chamando é de último dinossauro andando pelas ruas.” (Martins, 2001, p. 14).

A obra que torna o crítico conhecido do grande público é *História da Inteligência Brasileira*.

publicada em 7 volumes, entre 1976 e 1979. Nela o autor literalmente varre toda a produção literária brasileira de 1794 até 1960, o que o transforma, seguramente, num dos maiores leitores brasileiros. Contudo, enganam-se aqueles que consideram a obra simplesmente um compêndio. Há aí uma tese. O próprio Martins (2001, p. 12-13) comenta:

A *História da Inteligência Brasileira* tem esse título por isso, porque não é mais nem a história da ciência, nem a da literatura, nem a das idéias políticas, é a inteligência tal como ela se desenvolve e tal como age, a sua função no contexto da vida intelectual. Eu queria dar o título de *História Intelectual do Brasil*, mas achei que, em primeiro lugar, há muitos livros com este título, *História Intelectual* de tais e tais países, e, em segundo lugar, eu quis forçar um pouco esta nota de não ser apenas intelectual no sentido técnico da palavra, mas da inteligência humana de compreender o mundo – a literatura e as coisas como atos da inteligência. Compreender quer dizer, abarcar tudo e perceber o sentido daquilo. Foi o sentido da vida brasileira que eu procurei registrar.

Registrar, compreender “o sentido da vida brasileira”. Talvez por isso Wilson Martins, nos vários volumes do livro, não tenha se limitado a “criticar” obras de literatura. Seu objetivo foi o de compreender o sentido dos mais diversos tipos de publicação – livros de sociologia, de história, de antropologia, ensaios, crônicas, poesias, romances, peças de teatro etc – dentro de uma trajetória da sociedade brasileira e não apenas da estética literária brasileira. A periodização foi definida conforme uma leitura que privilegiava tanto o contexto sócio-histórico quanto a variável regional, sem esquecer, é claro, da obra em si, ou seja, os pontos de vista estético e literário. Assim, autores e épocas foram confrontados, sem necessariamente seguir cronologias geracionais. Antes, valia mais buscar os nexos sutis entre os autores. Os sentimentos escondidos nas obras, o sentido weberiano. Com base nesse *approach* (seguido, ainda que não teórica ou metodologicamente explicitado), as conclusões às vezes surpreendem. Na ótica de Martins, segundo Sant’Anna (2001, p. 91), *Casa Grande & Senzala* corresponde a *Populações meridionais do Brasil* e a *Evolução do Povo Brasileiro*, enquanto

que *Raízes do Brasil* é uma “resposta harmônica” a *Retrato do Brasil*.³

O veio sociológico e antropológico de Martins, de fato, havia se manifestado desde bem cedo. Afora os trabalhos iniciais no campo da crítica literária, Martins publicou, nos anos 1950, dois trabalhos sobre o tema da democracia e um terceiro sobre direito. São eles: *Conceito de democracia* (1950), *Introdução à democracia brasileira* (1951) e *Código de Processo Penal* (1956). O último é um estudo advindo da experiência que Martins teve como juiz de direito em Curitiba, no início dos anos 1950, quando, através de um mesmo ato do governo federal, fora nomeado juiz e catedrático da Universidade do Paraná. Já o primeiro é um relatório para a pesquisa da UNESCO sobre democracia. Enfim, é no segundo deles onde Martins desenvolve suas teses sobre a democracia no Brasil, engrossando o coro daqueles que viam problemas em relação à prática democrática de então quando confrontados à escolarização e à cultura clássica: em um país de fraco desenvolvimento político-intelectual e onde o eleitor desconhecia a dimensão de seu voto, as práticas democráticas *stricto sensu* poderiam ocasionar erros de apreciação e de escolha política (Biroli, 2004, p. 87-99). A tendência em negar capacidade no eleitor brasileiro foi bastante comum na primeira metade do século XX, em especial durante o primeiro período Vargas. Soluções autoritárias combinaram, no período em questão, com análises sobre a debilidade ora das instituições ora mesmo do povo brasileiro. Aos 30 anos de idade, Martins fazia coro com esse tipo de análise, revelando aí um certo pendor para análise sociológica e política.

Sobre o Paraná, especificamente, a produção de Wilson Martins é relativamente pequena: dois livros e dois artigos. Os artigos foram escritos em 1955 (*Introdução ao estudo do Simbolismo*) e em 1960 (*Paraná: uma incógnita. Ensaio de Sociologia geral*). Quanto aos livros, temos: *O Brasil di-*

³ Em outro momento, discutiremos as análises sociológicas de Wilson Martins sobre as obras dos “fundadores” das ciências sociais brasileiras.

ferente. *Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, publicado em 1955 e *A invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcelos*, publicado em 1999.

O “BRASIL DIFERENTE”: origens

A questão que nos preocupa aqui é: que objetivos teriam sido buscados por um crítico literário convicto – reconhecido por todos – ao escrever um livro de sociologia e antropologia sobre a identidade cultural do Paraná?⁴ Há uma primeira resposta bastante simples a essa questão: Wilson Martins, como bem o demonstram os livros sobre democracia e direito e, em especial, a *História da Inteligência Brasileira*, se acostumara a ler e a escrever sobre todo tipo de livro. Cotejando livros de literatura com livros de história, de sociologia etc, apresentava ao leitor não apenas uma crítica, mas uma “idéia” ou um “sentido” da obra em relação à realidade brasileira. Arriscar-se a realizar esse trabalho tomando como objeto o estado do Paraná era, assim, possível e mesmo exequível, dado o conhecimento que acumulara sobre o Brasil e sobre o Paraná. Aliás, a ambição de escrever um livro sobre os brasileiros – o livro que gostaria de ter escrito, segundo suas próprias palavras – nunca foi consumada.⁵ Mas a ambição contida no livro era, de fato, de outra natureza: tratava-se de escrever, para o Sul do Brasil, aquilo que Gilberto Freyre havia realizado para o país como um todo em *Casa Grande & Senzala*, i. e., Martins pretendia compreender os processos de aculturação dos elementos europeus não-portugueses em terras do Sul. Tanto foi assim que atribuiu ao seu trabalho o subtítulo *Ensaio sobre fenômenos de aculturação do Paraná*, oferecendo aos leitores a seguinte explicação:

⁴ Em outro momento, mostraremos a importância dessa obra no contexto das Ciências Sociais paranaenses.

⁵ Em entrevista, Wilson Martins afirma: “Gostaria de ter talento suficiente pra escrever um livro chamado *Os brasileiros* como Luigi Barizini escreveu *Os italianos*.“ Martins (2002, p. 9).

O imigrante, num espaço de tempo extraordinariamente curto, deixou de se sentir imigrante para se amoldar por completo à nova terra, da mesma forma por que a amoldava aos seus próprios hábitos, experiências, tradições. Nesse particular, os homens europeus e, por “simpatia”, os de outras étnicas, demonstraram no clima temperado do Paraná a mesma plasticidade admirável que o sr. Gilberto Freyre verificou nos portugueses “lançados” em zonas tropicais. (Martins, 1989, p. 6)

O paralelo assumido com a obra maior de Freyre revela claramente o objetivo central do autor: analisar os processos de aculturação que teriam formado um novo homem, uma vez “... que já não há ‘estrangeiros’ no Paraná, à exceção, naturalmente, dos que chegaram por último: há o *homem paranaense*” (1955, p. 6, grifo do autor). Inspirando-se em Freyre, contudo, Martins dele se distancia por acreditar que haveria, no Paraná, “elementos perturbadores” que diferenciariam o homem e a sociedade local da “cultura luso-tropical” identificada pelo cientista social pernambucano. Entre estes “elementos perturbadores”⁶, Martins assinala dois (absolutamente centrais na história do Brasil) que, na história e na formação social do povo paranaense, não teriam sido sociologicamente “ponderáveis”: o português e o negro (em suas palavras, “ausência do português e a inexistência da escravatura”⁷). Além desses, Martins acrescenta um terceiro elemento social, que não poderia estar presente na análise freyriana: o imigrante. O partido estava tomado, e a posição original e contracorrente estava assumida. Os estudos de Gilberto Freyre, segundo Martins, valeriam para algumas regiões do Brasil, mas não para todas. Urgia completar o quadro da formação social brasileira, examinando agora as particularidades criadas pela forte presença do imigrante, não apenas no Paraná, ele assinala, mas nos “estados do sul”, dentre os quais se incluiria também o estado de

⁶ O autor define o termo “perturbadores” a partir da astronomia. Ele afirma: “... como se diz, em astronomia, de um planeta desconhecido que “perturba” o comportamento dos demais”. (Martins, 1989, p. 5)

⁷ Parte de todas as críticas que Martins sofreria em seu trabalho tinha origem justamente na análise deste tripé, em especial pelo fato de ter negado a importância da escravidão e do negro na formação social do estado e de Curitiba.

São Paulo (Martins, 1989, p. 5).

O livro, finalmente publicado em 1955, fora fruto de um esforço consciente e longamente amadurecido de um crítico literário, mas que também se percebia como arguto sociólogo. Na *Introdução à primeira edição*, Martins (1989, p. 1) recordava suas próprias palavras, escritas quase 10 anos antes da publicação do livro, em março de 1946, em sua coluna no jornal *O Estado de São Paulo*:

... sonhei escrever um livro que fixasse o mais fielmente possível o grau e a extensão da influência de elementos culturais estrangeiros na sociologia meridional do Brasil. Uma pesquisa como essa, verificando a tonalidade exata da pigmentação cultural estranha sobre a superfície dos nossos próprios caracteres (eles mesmos resultado de diversas transculturações anteriores), poderia ser perfeitamente dividida em duas partes distintas: a que tivesse por base o estudo as manifestações da vida coletiva das cidades, por natureza mais cosmopolitas, portanto mais fáceis a permeabilização pelos valores culturais de outros povos, e a do ‘habitat’ rural, oferecendo margem a um estudo comparativo entre as zonas de colonização nacional e as de predominância estrangeira.

A obra, não importando por ora como seria recebida, tinha sentido e plano claros. Na passagem acima, é de se notar curiosamente, o desejo de compreender a influência de outras culturas “na sociologia meridional”, quando o justo parecia ser compreender a influência de outras culturas no Brasil meridional (pura e simplesmente) e não na “sociologia meridional”. Não obstante esse lapso (ou falha de redação), estava claro, para Martins, que havia, pelo menos, duas “zonas de colonização”: uma nacional e outra de “predominância estrangeira”. A polarização poderia facilmente nos fazer pensar em outras de igual monta – casa grande e senzala; semeador e ladrilhador; dois brasis; terra de contrastes. Mas a oposição, agora – se de fato oposição havia – seria entre duas formações sociais: uma englobando os estados do Sul mais o estado de São Paulo e outra para o “resto” do Brasil. O país estava decididamente cindido para Martins. O critério de corte não era o desenvolvimento, a urbanização, a renda ou a concentração populacional. Era o imigrante.

À maneira de tantos outros, também Martins

se fez valer da metodologia dos tipos para apresentar seu estudo: um tipo industrial de civilização, em vias de consolidação nos estados do Sul, em oposição ao tipo agrícola e pastoril predominante no “resto do Brasil”. A inspiração e o distanciamento se relacionam à obra maior de Gilberto Freyre. Isso porque não haveria “engano maior” em considerar a “sociologia brasileira” do mestre pernambucano como “servindo para todas as regiões do Brasil” (Martins, 1989, p. 4).⁸

O desejo de construir uma “outra” interpretação do Brasil mistura-se assim à crítica (ora aberta, ora velada) ao modelo freyriano. Mas se a inspiração e o distanciamento claro estão, que dizer das razões sócio-históricas? Dito de outra forma: seria possível reconhecer outras origens no estudo de Martins?

Segundo Bega (2005), a partir de 1930, surge no Paraná uma nova geração que trabalha a partir de outra matriz informadora. Busca-se agora “construir a identidade paranaense não por sua similaridade ao nacional, mas pelo que tem de peculiar, num movimento oposto ao dos literatos do século XIX, que visavam diluir os elementos de diferença”. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (1938) é um importante capítulo dessa história que pretende, ao cabo, também construir um projeto de estado regional, fixando uma identidade que some, mas não se dilui na cultura nacional.⁹ A mitologia de um estado “branco”, fruto da colonização européia, sem elementos negros ou portugueses, começava a surgir. Em termos históricos, porém, nesse período, o estado do Paraná segue as linhas gerais traçadas pelo Estado Novo, “com alguns eixos de modernização burocrática e o início das políticas industrializantes” (Oliveira *et al.*, 2004, p. 29). Com a democratização de 1946, ocorre uma reacomodação das elites locais em relação ao go-

⁸ Em outro momento, realizaremos uma comparação dessa com a obra de Oliveira Vianna “Populações meridionais do Brasil”.

⁹ Deve-se lembrar que o Paraná é um dos últimos estados criados no período imperial. Sua emancipação data do final de 1853.

verno do estado. Eleito, o ex-presidente Dutra nomeia Brasil Pinheiro Machado, interinamente, na governadoria do estado. A escolha era presumível. Brasil havia sido Procurador Geral da Justiça entre 1939 e 1945. Logo em seguida, com apoio da antiga elite da República Velha, é eleito o empresário Moyses Lupion. Em 1950, finalmente, é eleito um legítimo membro das antigas elites, Bento Munhoz da Rocha, filho de um governador da República Velha e genro do Presidente do Estado, derrubado pela Revolução de 1930. Mas Bento não é apenas mais um político, mas também – e talvez – “o mais destacado intelectual da tradicional elite paranaense” (Bega, 2005). Bento Munhoz governa o Paraná entre 1950 e 1955, quando organiza as comemorações do centenário da emancipação de São Paulo, 1953/4. Contudo, nesse início dos anos 1950, tinha-se um outro momento político e mesmo um outro estado, fruto da expansão para o “norte pioneiro” (região de Londrina e Maringá), colonizado pelos paulistas, e para o Oeste/Sudoeste, colonizado principalmente pelos gaúchos. Tendências separatistas, como a tentativa de criação do território do Iguaçu e mesmo o desejo de criar o estado do Paranapanema, acabaram gerando, no período Bento Munhoz, um movimento contrário, no sentido da necessidade de integração físico-territorial e a vontade de consolidação social e econômica do estado. Kunhavalik (2004, p. 191) comenta esse momento nestes termos:

A formação do Estado do Paraná apresenta certas particularidades regionais. Destacam-se três regiões com especificidades em seu processo de formação social, econômica e política. Desta forma, uma questão relevante que perpassa grande parte da história paranaense após a emancipação política, é da integração do território paranaense. [...] Além disso, observa-se nesta gestão uma preocupação com a constituição da identidade paranaense.

Em discurso proferido em 1952 (um ano e meio após sua posse), Bento Munhoz ressalta a preocupação do Brasil com o Paraná: “O Brasil está espiando o Paraná. O Brasil está desejando o Paraná”. Sua gestão trabalha, assim, para firmar uma identidade social: “Paranaenses são todos

aqueles que vivem e amam o rincão paranaense. Paranaenses são todos aqueles brasileiros que vieram de outros estados como também estrangeiros...” Enfim, em 1954, em outro discurso, agora comemorando o centenário da independência do estado, Bento Munhoz afirma: “Podeis ter a certeza de que aqui se está construindo alguma coisa diferente no Brasil.” (Bento Munhoz, *apud* Kunhavalik, 2004, p. 192-3)

Os discursos de Bento Munhoz, durante seu governo, se coadunam com as preocupações reveladas por Wilson Martins em seu trabalho. De fato, as ligações do último com o primeiro não eram simplesmente intelectuais. Em seu governo, Bento recebe a assessoria de um pequeno grupo de amigos, dentre os quais está Wilson Martins. Martins, entre 1943 e 1944, havia sido oficial de gabinete do interventor (de 1930) Manoel Ribas. Sua nomeação para o cargo de juiz e de professor da Universidade do Paraná ocorre em 1950, quando Bento já havia sido eleito governador. É de se supor, assim, que Martins e Bento estivessem unidos por laços de amizade e uma mesma visão da política e do estado paranaense, ou que o *paranismo* de Bento houvesse inspirado Martins. Seja como for, escrever um livro sobre a identidade paranaense, naqueles anos, era possível e mesmo desejável. Se o objetivo era criar uma nova identidade, melhor seria apresentar uma nova história, ou melhor, uma outra história, ou enfim, apresentar um “Brasil diferente”.

O plano da obra, para alcançar o objetivo proposto, se inscreve na grande tradição dos ensaios, desprezando, de alguma forma, a periodização clássica da história brasileira. À imagem d’*Os Sertões*, compondo a estrutura do livro tem-se a paisagem, o homem, a casa, a comida, a roupa, a família, a técnica e as idéias. Nesse último capítulo, a referência à “campanha da nacionalização” é relevante. A assimilação ou a aculturação deveria passar necessariamente por um gradual afastamento e (ou) esquecimento da língua nativa. Se a inspiração era freyriana, a referência teórica para tratar do tema da aculturação é Emílio Willems (1946), citado 24 vezes no trabalho. O fato é que a

obra de Martins acabaria por tomar certos contornos e inclinações que em muito ultrapassariam os limites sociais e científicos da época, criando e, ao mesmo tempo, talvez reforçando o mito do estado branco, europeu e civilizado em vias de consolidação.

A obra de Martins, contudo, sofre uma série de reparos. São criticados desde a exacerbação da importância do imigrante e a diminuição da importância do português, passando pelo esquecimento de que, até 1888, a sociedade paranaense é escravocrata. Há ainda o "esquecimento" de que, em 1955, a população negra e parda no estado do Paraná era de 35% do total. A respeito dessa obra, o historiador paranaense, Ruy Wachowicz (1990, p. 27) afirma que Martins, "em assunto de historiografia, demonstrou que não é do ramo".¹⁰

A obra teria sido mal recebida também entre os cientistas sociais brasileiros ou simplesmente ignorada. Em mais de 50 referências compiladas sobre o conjunto da obra de Wilson Martins, apenas 3 artigos foram encontrados, e mesmo assim, dois desses em veículos da imprensa (*Jornal da Tarde* e *O Estado do Paraná*) e um outro numa revista literária curitibana. Nos anos 1990, em um dossiê sobre *Cidadania e violência*, vemos retomado o debate em torno da obra de Martins.¹¹ O foco da análise aqui é novamente a "europeização" do estado. Martins não teria sido o único a defender tal tese,¹² que secundarizava a importância da cultura africana, inclusive dos cultos afro-brasileiros na formação social do Paraná. Também Wachowicz (1988) incorreria no mesmo erro. Tanto em Martins quanto em Wachowicz, enquanto que aos imigrantes europeus é dado importante destaque, a escravidão e a presença do negro são secundarizadas, quando não omitidas. A imagem

de um Paraná branco e diferente continuou, assim, trilhando seu caminho, a despeito de outros estudos que se realizariam nos anos 1950, inclusive a tese de Otávio Ianni.¹³

Não obstante seu próprio conhecimento sobre a questão do negro no Paraná, além daquele conhecimento que seria produzido posteriormente, em seu segundo livro sobre a identidade paranaense – *A invenção do Paraná...* – publicado quase 50 anos depois do "Brasil diferente", Martins (1999) retoma sua tese central sobre a identidade paranaense, sem fazer menção aos outros grupos sociais além dos imigrantes. Contudo, dessa feita, a identidade teria nascido com a constituição do estado através da elevação da 5^a Comarca de Curitiba à condição de província do Império, a Província do Paraná, no ano de 1853. Cabe observar aqui que a escolha da constituição do estado como momento "fundador" é também significativa da construção de uma identidade mítica, tal como ocorreu com o "Brasil diferente". Isto porque, segundo Wachowicz (1983, p. 20), 1853 é um ano relativamente sem importância, Zacarias de Góes um "estrangeiro" no estado e a emancipação "praticamente outorgada pelo governo imperial para o cumprimento de um acordo entre grupos políticos".¹⁴ Em relação à formação social da recém criada província, Martins faz a menção à presença de escravos apenas nos serviços domésticos. Em seguida, talvez para explicar a origem da importância dos imigrantes na constituição do estado, traz à luz uma lei do governo imperial¹⁵ que autorizava

¹⁰ Afirma ele que há uma hiperbolização do imigrante germânico (dedica 771 linhas a essa etnia no livro) em contraposição ao imigrante polonês (dedica apenas 41 linhas), cuja corrente imigratória é a mais importante do estado, entre outros.

¹¹ Martins (1989, p. 428) afirma que o catolicismo no Brasil meridional era mais sóbrio devido à "quase completa ausência do negro".

¹² Ver, na bibliografia, dossiê organizado e publicado em 1989 por Moraes e Garcia.

¹³ É interessante pensar que Otávio Ianni, para realização de sua tese de doutorado sobre a escravidão no Sul, esteve em Curitiba e no litoral do Paraná, sendo recebido pelo professor de antropologia Loureiro Fernandes, que participaria de sua banca de doutoramento, e pelos professores de sociologia Maria Olga Mattar e Altiva Balhana, entre outros. Em seus "agradecimentos", Ianni faz inclusive menção a Wilson Martins! Curiosamente, seu trabalho não teria produzido o impacto esperado no desenvolvimento dos estudos sobre negro no Paraná. As razões desse fato são objeto de outro estudo que estamos realizando.

¹⁴ Wachowicz afirma mesmo que o Paraná "obteve sua emancipação de mão beijada." (Idem, p. 20). A questão do Contestado e a criação da Universidade do Paraná seriam momentos muito mais significativos da "criação" do estado.

¹⁵ Lei nº 29, de 21/03/1855.

o Presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcellos (1815-1877), em 1855, a “*promover a imigração de estrangeiros para esta província, empregando neste sentido os meios que julgar mais convenientes... para o trabalho nas estradas... [podendo]... dar-se à agricultura...*”, o que pode estar indicando que o estado do Paraná seria assim “*branco e europeu*” desde sua fundação (Martins, 1999, p. 78). Vale notar, enfim, que, nos anos 1990, quando Curitiba é alçada a “capital de primeiro mundo” ou ainda a exemplo de “cidade ecológica”, a “pequena” presença de pardos e negros é, subliminarmente, apontada como uma das causas desse aparente sucesso.¹⁶

Em conclusão, não era intenção aqui demonstrar se o Brasil dos estados do Sul é realmente “diferente” ou não. Em sentido diverso, pretendeu-se compreender as condições sociais que tornaram a obra possível, comparando-a inclusive com outras obras do campo das ciências sociais publicadas no período. Algumas pistas estão colocadas. O resultado final desta pesquisa será apresentado em breve.

(Recebido para publicação em julho de 2005
(Aceito em agosto de 2005)

REFERÊNCIAS

- BEGA, M.T.S. Gênese das Ciências Sociais no Paraná. In: OLIVEIRA, Márcio de. *As Ciências Sociais no Paraná*. Curitiba: Ed. Contexto, 2005 (prelo).
- BIROLI, Flávia. Jornalismo, democracia e golpe: a crise de 1955 nas páginas do *Correio da Manhã* e de *O Estado de São Paulo*. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 22, p. 87-99, jun/2004.
- D'AMBROSIO, Oscar. Um panorama do universo cultural paranaense. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 out. 1989.
- KUNHAVALIK, J.P.; ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Trajetória política e gestão no governo do Paraná. In: OLIVEIRA, R.C. de; SALLES, J. de O.; KUNHAVALIK, José P. *A construção do Paraná moderno: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004. p. 143-225.
- IANNI, Otávio. *As metamorfoses do escravo. Apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. São Paulo: DIFEL, s/d.
- MARTINS, Wilson. O crítico por ele mesmo. In: SEFRIN, André et al. *Mestre da crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 7-18.
- _____. *Conceito de democracia. Relatório para a pesquisa da UNESCO sobre democracia*. Paris, 1950.
- _____. *Interpretações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- _____. *Introdução à democracia brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1951.
- _____. Introdução ao estudo do Simbolismo. *Separata de Letras*, Curitiba, 1955.
- _____. *A invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcelos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1999.
- _____. “Paraná: uma incógnita”. Ensaio de sociologia eleitoral. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 8, 1960. Não paginado.
- _____. *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. (1^a edição, Anhembi, 1955).
- MORAES, P.R.B de; SOUSA, M.G. Invisibilidade: preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 13, p. 7-15, 1999.
- OLIVEIRA, R.C. de (Org.); SALLES, J. de O.; KUNHAVALIK, José P. *A construção do Paraná moderno: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004.
- OLIVEIRA VIANNA. *Populações meridionais do Brasil. Introdução de Marcos A. Madeira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. (1^a edição, 1920).
- PUGLIELLI, Hélio de F. “Um Paraná diferente”. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 05 ago. 1990.
- SANCHES, Miguel (Org.). *Wilson Martins*. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. (Série paranaenses, nº 8).
- SANT'ANNA, Affonso de R. Um crítico na linha de fogo. In: SEFRIN, André et al. *Mestre da crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 89-92.
- SEFFRIN, André et al. *Mestre da crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- WACHOWICZ, R. *História do Paraná*. 6. ed. Curitiba: Ed. Gráfica Vicenina, 1988.
- _____. O olhar diferente de Wilson Martins. *Nicolau*, Curitiba, v. 4, n. 31, p. 27, mar. 1990.
- _____. *Universidade do Mate: história da UFPR*. Curitiba: APUFPR, 1983.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil – Estudo antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

¹⁶ Vale notar que, durante a gestão do prefeito de Curitiba Rafael Greca de Macedo (1993-97), várias etnias são homenageadas com parques e bosques públicos. Contudo, quando perguntado se haveria um parque para a comunidade negra, o prefeito teria respondido que não, porque não havia negros na cidade.